

Suplemento Cultural

O Fado de Lisboa – um destino transcendente da emoção

RUBENIO MARCELO – poeta-escritor e compositor, secretário-geral da ASL

Ansioso para conhecer - dentre outras belezas regionais - o legítimo Fado português, cheguei a Lisboa, a bela capital lusitana, situada no estuário do rio Tejo. E, após visitar o famoso 'Museu do Fado' (no bairro de Alfama), escolhemos a noite próxima passada de 21/03 para irmos a uma das principais casas de fado de Lisboa: 'O Faia', restaurante típico estabelecido no boêmio Bairro Alto da cidade - para isto, tivemos que reservar, à tarde, uma mesa para quatro lugares: eu e esposa, e os amigos/parceiros de viagem Nelson e Elizabeth Fonseca.

Lá, num determinado momento da noite (a casa com seus lugares repletos), ouvimos o esperado anúncio de que o espetáculo ia começar!... O público parou em silêncio reverencial, as luzes se apagaram e apenas as velas das mesas adornaram o místico cenário do ambiente... Assim, numa ritualização própria e aura de sacralidade, teve início o show magistral... e entra em cena a primeira fadista: a famosa Lenita Gentil, acompanhada pelos



ARQUIVO PESSOAL DO AUTOR
Guitarra portuguesa e viola de fado – instrumentos típicos de acompanhamento do fado

fantásticos músicos Paulo Ramos (viola de fado) e Fernando Silva (guitarra portuguesa)... Ah, quanta arte, tudo acusticamente... quanta beleza!... E como esquecer (?) aquele timbre altivo e o eco marcante daquela límpida voz zingando em peculiar sotaque: "Quando eu partir, reza por mim Lisboa / que eu vou sentir, Lisboa, penas sem fim, Lisboa / Saudade atroz que o coração magoa / a minha voz entoa feita

canção, Lisboa...". Após Lenita, que interpretou seis belíssimas composições, seguiram-se as apresentações dos também ilustres fadistas/cantores: Ricardo Ribeiro, Ana Sofia e Anita Guerreiro - todas envolventemente tocantes e dosadas de sentimento e simbolismo: algo quase indescritível ou sobrenatural que penetra na essência com um sabor dolente/poético que fascina e nos faz refletir a condição humana - e aí lembrei daquela assertiva de Pessoa: "no fado os deuses regressam legítimos e longínquos"... E caí em mim e ainda vi minh'alma lusobrasileira sorrindo em transcendente destino... e vi a madrugada também a sorrir, como a anunciar feliz: - isto é o Fado de Lisboa!

Considerado o maior símbolo musical de Portugal e instituído em 2011, pela Unesco, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, o Fado possui relacionada com a sua gênese uma mítica personagem: Maria Severa Onofriana, nascida num bairro pobre lisboeta, em 26 de julho de 1820, e identificada - conforme nos relata a história - como a primeira fadista. Consta (cf. Júlio de Sousa e Costa, in "Severa") que o poeta e memorialista

português Bulhão Pato, que pertenceu à Academia Real das Ciências de Lisboa e faleceu no ano de 1912, tendo conhecido de perto esta 'pioneira do fado', descreveu-a assim: "A pobre rapariga foi uma fadista interessantíssima como nunca a Mouraria tornará a ter. Não será fácil aparecer outra Severa altiva e impetuosa, tão generosa como pronta a partir a cara a qualquer que lhe fizesse uma tratantada. Valente, cheia de afetos para os que estimava, assim como era rude para com os inimigos". Destarte, ainda de acordo com inscrições históricas, os primeiros registros de existência do fado surgem exatamente nas décadas em que viveu Severa: a esbelta e formosa prostituta, moradora da zona ribeirinha de Lisboa, artista nata, que cantava e tocava fado pelas tabernas e que chegou inclusive a manter um relacionamento amoroso com Dom Francisco de Paula Portugal e Castro: o Conde de Vimioso, jovem cavaleiro tauromáquico, de uma das famílias aristocráticas de Portugal - e, como ele a convidava com frequência para se apresentar nos salões da elite e da intelectualidade lusitanas, ela, por isso, teve muita importância na tocante à promoção social

“

E caí em mim e ainda vi minh'alma lusobrasileira sorrindo em transcendente destino... e vi a madrugada também a sorrir, como a anunciar feliz: - isto é o Fado de Lisboa!"

do fado. Mas faleceria muito jovem, com apenas 26 anos de idade, em 1946.

Atualmente, uma nova geração de fadistas imprime novas sonoridades e novas vozes à expressão do mais tradicional gênero musical português, recriando tons, mantendo o cerne do fado clássico e conquistando também o público jovem. Neste tocante podemos mencionar artistas como Mariza, Ana Moura, Dulce Pontes, Carminho e António Zambujo (este, músico/cantor do Alentejo, muito conhecido no Brasil), dentre outros da contemporaneidade que - sempre inspirados na saudosa e eterna *diva e embaixatriz do fado*: Amália Rodrigues - procuram difundir além-fronteiras a cultura lusa e a potencialidade da língua de Camões.

LIÇÃO DO URUBU

JOSÉ PEDRO FRAZÃO – acadêmico/secretário da ASL

A história envolvendo o malvado caçador e a brava esposa do tuiuiu era narrada com certo ufanismo pelo viúvo, envaidecendo o pequeno órfão, pois significava dupla superação da raça. Se um tuiuiu já tem dificuldades de alçar voo do chão, imagina-se o mérito daquela pobre mãe tentando alcançar o ninho batendo apenas uma asa.

As aulas de ginástica para definirem a musculatura do filhote continuaram todos os dias. Aos poucos, ele ia crescendo e engrassando os músculos e as penugens. Não nascia pena no pescoço, onde a tonalidade rubro-negra da pele se destacava, como acontece a todos os de sua espécie.

O pequeno tuiuiu, apesar de não ter iniciado as aulas de voo, já estava bem crescido e tinha aprendido muito com o pai. Mais uma coisa o deixara indignado: o porquê daquelas aves escuras terem comido a carcaça de sua pobre mãe. Esse acontecimento o levava a não simpatizar muito com os urubus.

- Não consigo gostar deles, papai. Acho que deveria respeitar os cadáveres. Esses pássaros esquisitos têm uma cor estranha, não caçam e por isso não são dignos de se alimentarem. Não quero mais ver nenhuma ave preta na minha frente! - esbravejou.

- Cala o bico, racista! - ordenou o velho - Como pode criticar a lei da natureza?

Somente o mais débil dos seres vivos pode cometer tamanho pecado. Não devemos discriminar os nossos irmãos, não importa a cor de suas penas, o tamanho do bico ou o corpo, a raça, o canto que emitem e o tipo de alimento que apreciam, pois cada um tem uma função de igual importância no grande plano do deus Pã. Ninguém é da forma que deseja ser. A natureza é a grande escultora dos seres vivos e os faz todos belos, embora diferentes. Só os racistas, por não terem a visão divina, nem a noção do voo da vida e por viverem encarcerados em seu egoísmo no calabouço da soberba, não conse-

guem ver a beleza do mundo que se completa com as diferentes raças, numa constante transformação e integração.

- Quem é o deus Pã? E o que é racista, papai?

- O deus Pã é uma divindade, uma grande espírito que defende o Pantanal. Racista é qualquer animal preconceituoso e que se acha superior a outros a ponto de rejeitá-los e causar-lhes constrangimento. O racismo é fruto da ignorância, e nós tuiiús não somos ignorantes, somos o símbolo e o orgulho do Pantanal. A ignorância é uma aberração humana e costuma condenar aquilo que ela não entende. Existe uma lei no universo que explica as funções distintas de cada ser neste jogo da vida, onde todos são peças de um mosaico, um grande quebra-cabeça. Os urubus, por exemplo, têm certas vantagens até sobre os homens que poluem o meio ambiente. Essas aves, ao contrário deles, ajudam na limpeza e nem sempre precisam matar para se alimentarem. Humildemente, contentam-se com os restos que nós jogamos fora. Por isso os urubus merecem respeito e consideração. Eles também são filhos de deus Pã, perante o qual todos somos iguais.

O filhote, apesar de confuso com tanta informação, entendeu que, assim como os urubus podem parecer diferentes e estranhos para os tuiiús, estes também parecem diferentes e estranhos para os urubus. E que todos são importantes para o pantanal e para a vida do planeta. Aprendeu, ainda, que existem outros tipos de urubus, como por exemplo, o Urubu-rei, que tem uma bela plumagem em preto e branco e carúnculas vermelhas, lembrando as cores dos tuiiús.

Tuiuiu sentia vontade de conhecer pessoalmente o deus Pã, de quem seu pai sempre falava. Ele admirava o poder mágico do ocultador de todas aquelas coisas bonitas no paraíso pantaneiro. No seu entendimento, Pã era o papai do céu, um grande e poderoso tuiuiu, porque voava no pensamento de todos os bichos que o amavam e o temiam.

'POR QUE LER OS CLÁSSICOS'

ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO

Arrumando a estante encontrei meio escondido o livro do escritor italiano Ítalo Calvino, autor da interessante obra cujo título é o mesmo do que encima este artigo.

E cabe a pergunta: Por que ler os clássicos?

Despertou-me a atenção porque recentemente li uma revista em que o articulista fazia uma reflexão sobre o pensamento de filósofos antigos a respeito de observações e fatos de nosso tempo. Entre eles Platão, Sêneca, Diderot, Montaigne, Voltaire e Nietzsche.

Pois bem, irei apresentar alguns conceitos do escritor italiano Ítalo Calvino. Ele co-

meça o seu livro "com algumas propostas de definição: Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: 'Estou relendo'... e nunca 'Estou lendo'..."

Isso acontece pelo menos com aquelas pessoas que se consideram "grandes leitores"; não vale para a juventude.

"O prefixo reiterativo antes do verbo ler pode ser uma pequena hipocrisia por parte dos que se envergonham de admitir não ter lido um livro famoso. Para tranquilizá-los, bastará observar que, por maiores que possam ser as leituras 'de formação' de um indivíduo, resta sempre um número enorme de obras que ele não leu."

"Ler pela primeira vez um grande livro na idade madura é um prazer extraordinário, di-

ferente (mas não se pode dizer maior ou menor) se comparado a uma leitura da juventude."

"Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los."

"Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido". Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente. A definição que dela podemos dar então será:

Os clássicos são livros que exercem uma influência par-

ticular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.

Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a visitar as leituras mais importantes da juventude.

Enfim, "um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer."

Por último, "não se pense que os clássicos devem ser lidos porque 'servem' para qualquer coisa. A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos".

Como dizia o saudoso Elpidio Reis, trata-se de um "algo mais" para a vida de cada um.

Tudo pelo social

JORGE ANTONIO SIUFI

A bagunça estava formada. Já pensou onze mulheres batendo boca? Era um Deus nos acuda. O porteiro do edifício, coitado, tanto boa vontade demonstrou em explicar às domésticas que o elevador de serviço estava enguiçado, mas de nada adiantou, tendo uma delas homenageado a mãe dele com palavras que, algumas, ele ainda não tinha ouvido antes.

Aí ele estourou:

- Chega, suas galhas. O elevador está enguiçado e só às 10 horas é que vem o homem pra consertar.

Uma doméstica já entrada em anos disse para ele:

- Você então me leva no colinho até o treze?

As outras fizeram coro do me leva no colinho...

Isto era por volta das seis da manhã. O Síndico, ah, o Síndico (fazia questão de nas correspondências fosse usado o S maiúsculo), militar aposentado, enquadrado dentro das leis do condomínio, este acordava lá pelas nove e meia e aí de quem oussasse acordá-lo antes desta hora. Virava um bicho.

Uma engraçadinha olhou para o porteiro e disse:

- Vá acordar o síndico...

Outra, que achava o síndico "uma graci-

nha", reforçou o pedido:

- Isto vá chamar o síndico e quem sabe ele me leva no colinho gostoso dele...

Nesta altura do campeonato, já não eram onze as domésticas, mas catorze e, com isto, o vazerio engrossou. A ordem era chamar o síndico.

- Eu não vou perder meu emprego - arrematou o porteiro.

- Eu vou lá no dezessete, a pé, e vou acordar este homem, ou não me chamo Maria do Maranhão - gritou uma baixinha gorda.

Uma revanchista, crioula, não se conteve:

- Não senhora. A senhora não vai a pé coisa nenhuma. Não estamos num país democrático onde tamo lutando pelos nossos direitos? Vá pelo elevador social.

E lá foi a Maria do Maranhão pelo social e minutos depois trazia a tiracolo o mal acordado síndico que, irado, ouviu aquela zoeira oriunda de catorze bocas, inteirou-se do problema e deu um berro homérico:

- Calem a boca!!!

O prédio estremeceu. Após um silêncio momentâneo, mas silêncio, silêncio mesmo, virou-se para o porteiro e disse:

- Nunca mais quero que isto aconteça por aqui. Mas, se acontecer, lembre-se, pois só vou falar uma vez.

E virando-se para aquele bando apreenhivo, apontou o dedo indicador direito para o elevador social e lascou:

- Tudo pelo social...

POESIA

CAMPO GRANDE, FLOR DO OESTE

Minha Morena, flor do Oeste.

Cantam os ipês vestidos de chita, numa festa de roxo e amarelo.

Meus olhos passeiam em suas largas avenidas...

Num bailado de cores,

araras buscam a cidade arborizada.

O pôr do sol, vulcão do entardecer,

beija o céu se despedindo

por detrás dos prédios...

Do alto da Afonso Pena

Campo Grande entoa um hino...

A Praça do Rádio faz a seresta,

tudo vibra feito orquestra.

Minha alma anoindece serena...

Dormem José Antônio Pereira,

Baís e Vespasiano,

debruçados na saudade!...

ELIZABETH FONSECA